

**VIAGENS À VOLTA DO MUNDO: UMA PROPOSTA DE
LEITURA – ENTRE PORTUGAL E BRASIL – PARA A PROMOÇÃO
DA INTERCULTURALIDADE**

**TRAVEL AROUND THE WORLD: A READING
PROPOSAL – BETWEEN PORTUGAL AND BRAZIL – FOR THE
PROMOTION OF INTERCULTURALITY**

Ana Margarida Ramos¹

Margareth Silva de Mattos²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a análise de três livros-álbum oriundos de países diferentes (Portugal, Brasil e França), construídos com base na recriação da diversidade paisagística, cultural e geográfica do mundo, a partir dos quais são propostas atividades de leitura passíveis de ser realizadas com crianças do 1.º ciclo do Ensino Básico (Portugal) e

1 Professora Auxiliar c/ Agregação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.
2 Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1984) e em Direito pela Universidade Federal Fluminense (2006); especialista em Literatura Infanto-juvenil pela Universidade Federal Fluminense (1994), Mestra em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2003) e Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (2017). Coordena, desde 2017, o projeto de extensão da UFF "Literatura como Patrimônio, Leitura e Formação do Leitor", atualmente vinculado ao PROALE-UFF. É vice-líder do grupo de pesquisa Leitura, Literatura e Saúde: Inquietações no Campo da Produção do Conhecimento (LeLiS-UFF). Desde 2013 participa do grupo de pesquisa Leitura, Fruição e Ensino (LeiFEn-UFF), ambos integrantes do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil - CNPq. Atua como leitura-votante do júri do Prêmio FNLIJ desde 1997. Tem experiência nas áreas de Educação e Letras. Seus estudos voltam-se principalmente para os seguintes temas: literatura para crianças e jovens, leitura, formação do leitor. (Texto informado pelo autor)



primeiro segmento do Ensino Fundamental (Brasil), tendo em vista a promoção da consciência intercultural. Ao apresentarem uma estrutura que foge ao modelo narrativo mais tradicional, os três álbuns configuram uma tipologia que cruza aspetos do álbum portefólio ou catálogo (RAMOS, 2011), com o livro-jogo (SILVA, 2017; 2016), desafiando os leitores a fazerem uma leitura combinada das múltiplas informações por eles fornecidas. Construídos em torno do tópico da variedade e da diversidade do mundo, entendido como espaço global e partilhado pela humanidade, constituem formas de valorização da pluralidade e da diferença, convidando à descoberta de outros espaços e culturas.

PALAVRAS-CHAVE: livro-álbum; leitura; mundo; diversidade; interculturalidade

ABSTRACT

This text aims to present an analysis of three picturebooks from different countries (Portugal, Brazil and France) that have in common the depiction of the variety of the world, in terms of geographic and cultural diversity. We intend to propose reading activities that can be performed with children of the 1st cycle of Primary Education (Portugal) and first segment of Primary Education (Brazil), with a view to promoting intercultural awareness. By presenting a non-traditional narrative structure, the three picturebooks under analysis configure a typology that includes aspects of the portfolio picturebook (RAMOS, 2011), and of the book-game (SILVA, 2017; 2016), challenging readers to do combine different kinds of information. Built around the topic of variety and diversity in the world, understood as a global space shared by humanity, they are forms of appreciation of plurality and difference, inviting the discovery of other spaces and cultures.

KEYWORDS: picturebook; reading; world; diversity; interculturality

1. Introdução: objetivos da proposta

Apesar de os livros-álbum serem, maioritariamente, álbuns narrativos, este estudo dete-se-á numa categoria de livros-álbum que se diferencia daquela na qual se estabelece a primazia da narrativa verbo-visual ou exclusivamente visual. Tal escolha justifica-se pelo facto de os livros seleccionados fugirem ao modelo narrativo mais tradicional e recriarem a diversidade paisagística, cultural e geográfica do mundo, propondo ao seu potencial leitor, a criança, de forma lúdica e interativa, o desafio de uma leitura combinada das múltiplas informações neles contidas e o desvendamento de diferentes lugares, espaços, culturas e modos de viver explicitados, principalmente, nas cenas visuais de cada publicação.

A nossa escolha recaiu sobre três livros-álbum oriundos de países diferentes, Portugal, Brasil e França: *O mundo num segundo*, de Isabel Minhós Martins e Bernardo Carvalho (2008; 2013); *Agora!*, de Ilan Brenman e Guilherme Karsten (2017); *A orquestra – uma volta ao mundo à procura dos músicos*, de Chloé Perarnau (2018).

A constituição deste *corpus* diversificado de análise justifica-se pelo facto de as publicações apresentarem estruturas semelhantes, configurando uma tipologia que cruza aspetos do álbum portefólio ou catálogo (RAMOS, 2011) com o livro-jogo (SILVA, 2017; 2016).

Assim, este estudo reveste-se de um duplo propósito: primeiro, o de analisar os três livros-álbum à luz de sua tipologia, e, portanto, dos seus muitos pontos de interseção; segundo, o de apresentar propostas de exploração no âmbito escolar, passíveis de realização com crianças do 1.º ciclo do Ensino Básico (Portugal) e primeiro segmento do Ensino Fundamental (Brasil), tendo em vista a promoção da consciência intercultural. Com isto, procurar-se-á apresentar, tendo em vista os mediadores de leitura, uma reflexão acerca das práticas leitoras que proporcionem o enriquecimento dos repertórios e conhecimentos das crianças acerca das diferentes culturas, com os seus modos peculiares de vida, nos muitos lugares do planeta mostrados nos livros tomados como *corpus*.

2. Volta ao mundo dos livros-álbum: o caso dos álbuns portefólio ou catálogo e dos livros-jogo

O livro-álbum constitui uma modalidade editorial aberta à inovação e à experimentação, em resultado da sua constituição assumidamente multimodal, uma vez que integra, em estreita articulação sinérgica, texto, ilustrações e design gráfico. A contemporaneidade trouxe novidades em termos da complexificação do formato e das suas potencialidades criativas, mas também um crescente hibridismo, resultante da contaminação de outras propostas criativas, como a banda-desenhada, o *cartoon*, a narrativa gráfica, o cinema animado ou a publicidade, entre outras. Os desenvolvimentos contemporâneos (KÜMMERLING-MEIBAUER, 2015) do livro-álbum estão associados, em grande parte, às influências do pós-modernismo (SIPE; PANTALEO, 2008), com relevo para a valorização da metaficção, através, por exemplo, da multiplicação de narradores e de narrativas, do abandono das formas tradicionais de estruturação das narrativas; da autorreflexividade, como acontece com a autocitação ou com a paródia, mas também com o questionamento e a interrogação sobre as próprias narrativas, o objeto livro ou a ficção. A valorização de propostas cada vez mais complexas, do ponto de vista da estrutura narrativa, da interação com o leitor, plenas de referências intertextuais eruditas, por exemplo, não é obstáculo à valorização da sua dimensão lúdica, muitas vezes destinadas a públicos heterógenos e variados, quer em termos de faixas etárias, quer em termos de formação. O investimento criativo em novos “subgéneros”, como nas narrativas visuais, a construção de livros que incluem várias narrativas ou a importação de técnicas habituais no livro-objeto (*pop-up*, abas, recortes, perfurações, acordeão...) é sintomático do hibridismo e da experimentação que tem caracterizado a edição neste segmento específico.

Dentro do livro-álbum de cariz literário e ficcional, é possível distinguir os que adotam a forma narrativa (com e sem texto), os líricos e os livros-álbum portefólio, catálogo ou documentário. Segundo Ramos (2011, p. 29), os álbuns portefólio, também chamados de álbuns catálogo ou documentário, são aqueles em que “as imagens e os textos que as ‘legendam’ se organizam de forma acumulativa e não causal”. Ainda que haja uma sequência linear organizadora dos textos híbridos apresentados nos álbuns portefólio, localizada, principalmente,

na sua parte verbal, pela justaposição e/ou enumeração de episódios, acontecimentos, ações, as cenas visuais que se sucedem são dotadas de relativa autonomia. Essas características podem ser observadas nos três livros tomados como objeto de análise.

O livro-jogo, por sua vez, é apresentado como “uma singular corporização do texto literário, em geral, e da narrativa, em particular” (SILVA, 2016, p. 428), combinando (id., ib., p. 430) “experiência lúdica e experiência estética” e dando origem a um “objecto material interactivo”. Trata-se, em todo o caso, de objetos assumidamente híbridos, na medida em que a experiência de leitura se funde com a interatividade do jogo, promovendo a realização de descobertas, através do questionamento ou da estimulação da ação do leitor. Como afirma Silva (2017, p. 249), o livro-jogo “is a direct result of an extra-diegetic/extra-textual figure, namely in the reader, who acts upon the text and intervenes in its linearity/succession of events”³. Desde a identificação de personagens ou objetos escondidos nas páginas profusamente ilustradas, à manipulação de objetos, como lentes ou folhas semitransparentes, por exemplo, estes livros estimulam uma leitura que, além de ser um jogo cognitivo, pode ainda incluir atividades de cariz visual e físico (associado à manipulação de objetos, por exemplo, mas também à escrita ou ao desenho). A diferença em relação ao livro-álbum tradicional, que também não abdica da sua componente lúdica, está na valorização que lhe é atribuída no livro-jogo, tornando-se a narrativa secundária em relação às outras propostas. Outra característica importante do livro-jogo é a presença de regras. É condição *sine qua non* que o leitor as identifique e as siga para que as propostas interativas se perfeçam. A inclusão de soluções pode igualmente confirmar a existência de desafios específicos para os quais é necessário encontrar respostas.

3. Análise dos livros selecionados

O mundo num segundo e *Agora!* apresentam muitas semelhanças entre si, pese embora a maior simplicidade, porventura em resultado do público-alvo previsto do livro brasileiro. Ambos apresentam, em sequência, cenas visuais que mostram o que estaria acontecendo simultaneamente em diversos lugares do mundo num tempo cronológico presente e imediato, indicado pela expressão “um segundo” e pelo marcador temporal “agora”, num e noutra livro. Para isso, interpelam o leitor tratando-o por “tu” nas edições portuguesas e por “você” nas edições brasileiras, convidando-o a refletir sobre a concomitância dos acontecimentos no mundo, apresentados a cada página dupla. Ambos integram igualmente uma *mise en abîme*, respetivamente na última e na primeira página de *O mundo num segundo* e *Agora!*, apresentando personagens em postura de leitura do livro. Este recurso a uma estratégia de cariz claramente metaficcional mostra-se muito recorrente nos livros-álbum e, nestes dois títulos, ela está presente tanto na parte verbal quanto na parte visual do seus textos híbridos.

3 Tradução nossa: “é o resultado direto de uma figura extradiegética / extratextual, nomeadamente no leitor, que age sobre o texto e intervém na sua linearidade / sucessão de eventos”.

A orquestra - uma volta ao mundo à procura dos músicos é, dos três volumes, aquele que mais se aproxima de um álbum narrativo, na medida em que, na folha de rosto, encontramos o maestro aflito na preparação de um concerto, uma vez que os músicos foram todos de férias. Cada uma das onze duplas seguintes apresenta, no canto superior esquerdo, o texto de um postal enviado por um ou vários músicos de diferentes lugares no mundo. O álbum fecha com o dia do concerto, já com os músicos todos reunidos e a postos para dar início ao concerto.

3.1 Relevo e implicações dos peritextos para a comunicação da mensagem

O livro *O mundo num segundo* conheceu duas edições, uma em 2008 e outra em 2013, que apresentam diferenças relevantes ao nível peritextual. Para além da capa dura, que é substituída pela capa mole, a diferença mais substancial reside no formato das edições, uma vez que o formato de 160 mm x 160 mm dá lugar ao 270 mm x 270 mm, o que tem implicações substanciais na leitura das imagens, por exemplo, sobretudo tendo em conta o recurso à dupla página como unidade de sentido. Este livro também foi publicado no Brasil pela editora Peirópolis, em 2013, com o formato 155mm x 155mm e capa dura, o que levou a uma ligeira alteração no enquadramento de todas as imagens sangradas de dupla página.

Na capa, o nome da editora inscreve-se sobre a fachada de um edifício, sendo parcialmente mostrado, já que uma mão em primeiro plano esconde algumas letras. O logótipo da editora transforma-se, assim, em um texto intraicónico (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 300), que promove uma fusão entre as partes verbal e visual do texto híbrido, já que as ilustrações absorvem palavras, constituindo um recurso metaficcional. A metaficcionalidade também está presente na última cena visual da publicação, uma vez que a página do livro que a jovem lê deitada de bruços na sua cama corresponde à própria totalidade da cena visualizada pelo leitor.

Outro elemento peritextual merecedor de destaque são as guardas finais de cariz informativo, que sugerem a possibilidade de se tomar o livro na perspetiva não só de um álbum portefólio, mas também de um livro-jogo. Se as guardas iniciais são decorativas, as finais são ocupadas por um planisfério com as indicações numéricas dos 23 lugares onde se passa cada uma das cenas visuais. No rodapé, a legenda traz o nome da cidade e do país, ou do lugar retratado, sempre acompanhados dos seus respetivos horários locais, todos terminados em 32 minutos. É esse planisfério que empresta um cunho eminentemente lúdico à publicação, pois permite ao leitor confirmar ou não as hipóteses estabelecidas em sua leitura do texto híbrido, podendo voltar, aleatoriamente, a cada cena a partir do planisfério e vice-versa. Outro elemento peritextual interessante encontra-se na contracapa do livro. Trata-se da silhueta de um dirigível que inclui o código de barras e o respetivo ISBN, forma visual codificada que alude à viagem, reforçando a proposta da obra: a de percorrer diferentes lugares do mundo através das páginas do livro.

O volume *Agora!*, em formato retrato nas dimensões 222 mm x 270 mm, apresenta

igualmente capa dura, com cantos arredondados, guardas decorativas, sendo que nas finais foram incluídas as biografias dos dois criadores, com a menção dos diferentes países a que estão associados e onde publicaram as suas obras – alguns integrantes das cenas visuais do livro –, e as respetivas fotografias. Ao contrário do volume anterior, este livro-álbum privilegia, desde os peritextos, os protagonistas e os universos infantis, concedendo especial relevo às personagens crianças, tanto na capa quanto na dupla página de falso rosto. A capa e a contracapa, lidas como uma ilustração de dupla página, repetem uma das ilustrações do interior do livro, mas incluem um breve texto explicativo sobre a génese da ideia para a sua construção. O livro está construído com recurso a uma sucessão de catorze duplas páginas que percorrem distintos locais do planeta e onde, em cada uma delas, surgem crianças realizando ações diferentes, numa lógica que parece acompanhar o dia a dia e as suas rotinas. A primeira abertura, contudo, foge a essa estrutura repetitiva, recorrendo a uma composição mais tradicional, apresentando texto e imagens em páginas separadas, numa espécie de introdução à viagem que o livro propõe em seguida, sendo que cada dupla página completa o segmento textual inicial. Observe-se, igualmente, do ponto de vista do *lettering*, a opção pelo uso sistemático das maiúsculas e da mesma fonte tipográfica, sempre no mesmo local da página, oscilando apenas a cor, entre o preto e o branco, para facilitar a leitura, tendo em conta o fundo colorido das páginas. Ao contrário do volume anterior, não são apresentadas soluções para a identificação dos locais e das culturas representados.

A orquestra é o volume de maiores dimensões (260 mm x 320 mm) e as suas páginas, em termos de composição e proposta, apresentam muitas semelhanças com as obras clássicas de Martin Handford, *Onde está o Wally?*, um conjunto de volumes designados como “visual game books”, mais especificamente, uma subcategoria de “seek-and-findtype” (DOWHOWER, 1997, p. 63) ou “visual search game” (CLARCK; ELSNER; ROHDE, 2013). Distinguem-se, contudo, daqueles exemplos, pela técnica de ilustração selecionada, privilegiando a pintura. A capa e contracapa suscitam, desde logo, surpresa (e algum estranhamento), pela sobreposição de elementos aparentemente distintos, como é o caso, na capa, do contexto natural para a realização de um concerto, cujos espetadores são banhistas e veraneantes de vários tipos, incluindo animais. A contracapa apresenta, com proximidade com a banda-desenhada, quatro micro-ações que mimetizam/resumem o enredo principal do volume, a procura dos músicos, oferecendo propostas onde o insólito e o humor se cruzam. Se, nas guardas iniciais, são identificados os músicos e os respetivos instrumentos, nas guardas finais surgem as soluções para os enigmas propostos, com a identificação dos músicos em cada uma das duplas páginas. Contudo, a leitura e a exploração do volume estão longe de se esgotar nessa identificação, uma vez que cada uma das imagens apresenta incontáveis personagens, ações e elementos que também podem ser lidos de forma a completar a história principal.

Nenhum dos livros em análise inclui numeração das páginas, o que reforça a possibilidade de leitura não sequencial, dado o cariz relativamente autónomo das suas cenas.

3.2 Estrutura das obras e implicações na sua forma de leitura

É com a personificação da unidade mais comumente usada para indicar a menor fração de tempo cronológico – o segundo – que se inicia a parte verbal do texto híbrido de *O mundo num segundo* (2008): “Cada vez que um segundo atravessa o mundo (sempre correndo, sempre apressado), milhões de coisas acontecem, aqui, ali, em todo o lado...”. A chave de leitura da obra explicita-se na parte verbal do texto da primeira dupla página, a requerer a participação do leitor – “Enquanto passas uma página deste livro, o mundo não pára...”⁴ –, desafiando-o a refletir sobre os acontecimentos em processo em diferentes espaços, mas num mesmo segundo em distintos fusos horários de vários pontos do planeta. O livro mostra um total de 23 cenas visuais de dupla página. As cenas mostram espaços ora amplos e abertos, ora fechados, quase todos com a presença do elemento humano, nos quais coisas diferentes acontecem em distintos lugares do globo terrestre. Alguns lugares são identificados na parte verbal do texto, como nas cenas visuais 2 e 3, onde se lê, “... Um barco é surpreendido por uma tempestade no Mar Báltico. || ... Um elevador pára entre dois andares, num arranha-céus de Nova Iorque.”.

Há, no entanto, cenas em que o reconhecimento do lugar fica a cargo do leitor, que precisa de descobrir pistas e indícios fornecidos pela parte visual do texto. É o caso da cena 5, cujo cenário mostra um vulcão em erupção e uma densa floresta tropical, com a presença de algumas poucas figuras humanas, uma delas com um guarda-chuva aberto. Cabe ao leitor, então, o estabelecimento de hipóteses sobre qual seria o lugar retratado a partir dessas e de outras informações fornecidas pelas formas visuais figurativas que integram a cena, com base nos seus conhecimentos prévios.

Em outras cenas, pistas e indícios são fornecidos, principalmente, pelas formas visuais codificadas – aquelas em que a relação entre a figura e o que ela indica se constrói não só através de aspetos icónicos e indexicais, mas especialmente através de aspetos convencionais –, e pelas formas visuais simbólicas⁵, aquelas que, em geral, não guardam qualquer similitude com o seu objeto, sendo interpretadas somente a partir de convenções culturais. Essas formas visuais codificadas e simbólicas proporcionam o acesso a certas informações de forma sintética, objetiva e imediata, desde que o leitor as reconheça. E como a convenção é construída historicamente, e, portanto, passível de aprendizagem, ao fazer uso dela, explorando-a ludicamente, desafia-se o leitor a identificá-la ou a tornar-se apto a fazê-lo. É o caso da primeira cena visual do livro, em que é mostrado, a partir de um ângulo superior em plano panorâmico, um movimentado centro urbano com trânsito intenso de veículos e seus arranha-céus, formas visuais figurativas altamente codificadas, onde se vê, colocada no alto de um prédio, a bandeira da Argentina. A presença da bandeira, forma visual simbólica, aliada à de *outdoors* onde se lê “Boca Junio”,

4 Na edição brasileira de 2013 [grifo nosso]: “Enquanto *você* vira uma página deste livro, o mundo não para...”.

5 Cf. modalidades e submodalidades das formas visuais estabelecidas por Santaella (2009).

“Tango” e “La Cocina Express”, reforçam a hipótese de a cena visual retratar a capital argentina, Buenos Aires. O recurso aos textos intraicónicos é empregado nesta e em outras cenas de *O mundo num segundo*, como a cena 4, onde sobressai, no porta-objetos da porta do automóvel, um folheto de propaganda no qual se lê “Carreteras México”. O texto intraicónico, somado a outros indícios, como a flâmula com as cores da bandeira mexicana e um crucifixo, símbolo do cristianismo professado pela maior parte da população desse país, facilita, sobremaneira, se não a identificação precisa da cidade, a do país onde a cena se passa: o México. Também na cena 13, que se passa na cidade de Tóquio, este recurso é empregado na grande diversidade de letreiros, cartazes e placas com palavras escritas em caracteres tanto alfabéticos quanto ideográficos.

Há, porém, cenas visuais que não apresentam pistas relevantes ou significativas. É o caso da cena 10, que mostra uma partida de futebol num campo de bairro; da cena 14, que mostra uma luta num ringue de boxe; ou da cena 22, que mostra banhistas numa praia. Nestas e em algumas outras, a ausência de formas visuais codificadas ou simbólicas com indicações culturais e geográficas mais específicas, bem como a ausência de textos intraicónicos, não permite a identificação precisa dos lugares.

Há, ainda, pistas com indícios falsos, como as encontradas na cena 19, em que, num cartaz afixado em um muro, figura a palavra “Budapest”, mas a cidade da Hungria retratada é Miskole; e como as encontradas na última cena visual, em que um adesivo na parede do quarto com a palavra RIO, junto de dois pósteres, um com a imagem de um surfista, outro com a de um velejador, induz o leitor a pensar tratar-se da cidade do Rio de Janeiro, quando, na verdade, trata-se da cidade de Florianópolis.

Se algumas pistas podem ser encontradas nas paisagens, outras recorrem às características étnicas das personagens retratadas, de diferentes géneros, etnias, faixas etárias, como a cena 7, com personagens negras; a 12, com o perfil de uma menina nórdica; e a 13, com personagens com traços fisionómicos orientais.

Pistas e indícios devem ser sempre considerados no seu conjunto pelo leitor para que ele consiga antecipar hipóteses sobre o lugar mostrado ou mesmo identificá-lo com precisão. Na cena 7, por exemplo, um chão de terra vermelha compõe um cenário com palmeiras e poucas casas modestas, onde um *outdoor* e um cartaz afixado num muro apresentam palavras em português como textos intraicónicos. Personagens negras, vestidas com pouca roupa, indício do clima quente, integram o cenário, levando o leitor a pensar na possibilidade estar ali retratado um lugar no Brasil ou num país da África lusófona.

No seu conjunto, as cenas visuais de *O mundo num segundo* exploram a diversidade de modos de ser, de fazer, de sentir, sem que estereótipos sejam reforçados ou hierarquias sejam estabelecidas entre as nacionalidades retratadas, procurando oferecer ao leitor uma visão plural do mundo.

Publicado quatro anos depois da edição brasileira de *O mundo num segundo* (2013), o

álbum portefólio *Agora!* (2017) aborda a mesma temática e apresenta estrutura similar, bem como faz uso de alguns recursos já empregados no livro precedente. Constituído por 14 cenas visuais organizadas em duplas páginas, com forte apelo ao universo infantil, *Agora!* apresenta crianças como personagens centrais de suas cenas.

A primeira cena visual, mostrada na face ímpar da página, apresenta uma criança deitada num tapete onde está desenhado um planisfério. Este tapete funciona como moldura da página simples, mas também como uma significativa metáfora da viagem ao redor do mundo, já que remete para um elemento mágico próprio dos contos orientais: o tapete voador. Deitada sobre ele, a criança tem diante de si um livro cuja página aberta corresponde à penúltima cena de *Agora!*, em *mise en abîme*. O cariz metaficcional desta primeira cena visual é reforçado pela parte verbal do texto que, inscrita na face par da página, se dirige ao leitor – “Neste instante em que você está lendo ou ouvindo estas palavras, em algum lugar do mundo tem pessoas:” – levando-o a identificar-se com a criança da página ao lado que lê o livro.

O marcador temporal “neste instante” é sucedido, em cada uma das 14 cenas visuais, por verbos no gerúndio, forma que, neste caso, expressa ações em andamento – acordando, brincando, passeando... –, realizadas simultaneamente em diversas partes do planeta por crianças de diferentes nacionalidades, etnias, religiões. Assim, tudo em *Agora!* conflui para o potencial destinatário do seu texto híbrido, a criança. Isto acontece em função das seguintes ocorrências: as ações descritas indicam a rotina diária habitual de uma criança, desde o momento em que acorda até o momento em que vai dormir; a centralidade das personagens crianças ocorre tanto nas cenas do álbum quanto nas ilustrações dos seus peritextos; as formas visuais exploram diferentes universos infantis; o *lettering* é composto exclusivamente por maiúsculas, muito usadas nos livros publicados no Brasil cujo público-alvo são crianças em fase de aquisição do sistema alfabético.

Em cada uma das 14 cenas de dupla página do livro, formas visuais codificadas e simbólicas fornecem informações importantes para que o leitor identifique os lugares onde as ações das personagens ocorrem. Formas visuais mais estereotipadas, como as que apresentam a culinária, os hábitos alimentares, os trajes típicos, as construções e os monumentos comumente tomados como símbolos de determinado lugar permitem ao leitor identificar os países onde as cenas se passam.

Sabe-se que a cena 1 se situa no Japão porque, além dos traços orientais das feições das personagens, elementos característicos da cultura nipónica são mostrados: uma família formada por pai, mãe e três crianças de diferentes idades encontra-se sentada no chão, diante de uma mesa baixa, onde se alimentam com *hashis* em tigelas de diferentes tamanhos; as personagens que têm os pés visíveis estão descalças (tirar os sapatos antes de entrar em casa é um costume japonês); um galho florido de cerejeira, um dos símbolos do Japão, compõe o cenário; as vestes e o penteado da mãe são tipicamente tradicionais. Há uma componente irónica nesta cena, uma

vez que duas das três crianças à mesa estão dormindo, o que se contrapõe ao verbo no gerúndio “acordando.”.

Na cena 2, uma construção mostrada parcialmente é a principal forma figurativa reveladora do lugar em que se passa a ação envolvendo crianças judias e palestinas: o Domo da Rocha ou Mesquita de Omar. Esta cena visual, de muito mais difícil identificação para o leitor infantil por requerer muitos conhecimentos prévios, traz ainda formas visuais simbólicas como a estrela de Davi na porta de um edifício, que poderia ser uma sinagoga, e formas visuais codificadas, como a lua no céu, indicando o período do dia em que acontece a brincadeira de esconde-esconde entre as crianças, vestidas com indumentárias características dos judeus e dos muçulmanos, reforçando positivamente a perspetiva intercultural, que é menos visível nos outros volumes em análise.

Trajes típicos, que constituem formas visuais codificadas, são significativos indícios para a identificação dos países onde se passam as cenas 3 (os gorros bolivianos), 7 (as vestes dos pequenos monges tibetanos), 8 (o turbante do ator indiano), 11 (o boné do menino novaiorquino), 13 (o casaco da criança esquimó) e 14 (as meninas russas vestidas como as bonecas matrioskas). Construções e monumentos também constituem pistas decisivas para essa identificação, como a casa de arquitetura tipicamente japonesa, na cena 1, e a Mesquita de Omar, na cena 2, já mencionadas; a torre de Pisa, na cena 4; a muralha da China, na cena 5; um mosteiro tibetano, na cena 7; o Cristo Redentor e uma favela⁶, na cena 9; a ponte do Brooklyn e a Estátua da Liberdade, na cena 11; o iglu, na cena 13.

O recurso ao texto intraicónico também é utilizado em *Agora!*, ainda que parcimoniosamente. Na cena 11, lê-se em inglês o nome do restaurante novaiorquino, “Restaurant Freshfood”; na cena 12, palavras em inglês inscrevem-se em cartaz, livros e cd’s no quarto do menino inglês. Nesta cena, ícones do rock e da música pop – os Beatles e David Bowie – surgem referenciados como ídolos do protagonista da cena.

Duas cenas visuais fogem ao padrão estabelecido pelas demais, que apresentam indícios suficientes para a identificação dos países. Trata-se da cena 6, que mostra uma paisagem amazónica com personagens de uma tribo indígena, entre as muitas que habitam a região que inclui territórios pertencentes a nove países, e da cena 10, onde crianças negras se banham num lago, juntamente com elefantes e zebras, animais que vivem no continente africano.

Um traço característico de muitas cenas visuais de *Agora!* é o humor, decorrente do cómico de situação e de personagem. Na cena 7, por exemplo, dois pequenos monges tibetanos riem do assédio sofrido pela turista por ação dos macacos, que imitam atitudes humanas, como fotografar ou fazer sinal com os dedos; na cena 11, a expressão facial da Estátua da Liberdade

⁶ Note-se como, para além da diversidade geográfica e cultural, a opção por representar as personagens numa favela do Rio de Janeiro assinala a sua condição socioeconómica desfavorecida, registando uma realidade habitualmente silenciada em livros para crianças pequenas.

expressa repulsa aos brócolos das refeições da mãe e do filho, corroborando o desagrado do menino ao ter de comer esse vegetal; na cena 13, o menino esquimó e o urso polar entreolham-se enquanto fazem xixi, transformado em cubinhos de gelo. Em certo sentido, a comicidade presente em algumas cenas acaba por desestabilizar certos estereótipos, que também são quebrados pela relação entre a parte verbal e visual do texto. É o caso da cena 5, onde crianças tocam diferentes instrumentos, tendo as suas ações identificadas pela palavra “estudando”, o que foge àquilo que tradicionalmente se concebe como ato de estudar.

A proposta de *A Orquestra* não exige aos leitores o mesmo trabalho de identificação e de descoberta dos locais recriados em cada dupla página, uma vez que o texto dos postais ilustrados, que surge sempre nos cantos superiores esquerdos, se encarrega dessa localização, referindo explicitamente o país (Islândia, ilhas gregas), a região (Provence), a cidade (Tóquio, Porto, Istambul, Veneza, Rio de Janeiro, Abidjan), monumentos (pirâmides egípcias) ou uma festividade específica (Carnaval russo). Nessa medida, para além da identificação do músico ou músicos escondidos na página, objetivo central do livro-jogo, a proposta de leitura pode estender-se a uma multiplicidade de aspetos, que passam pelo reconhecimento de elementos específicos dos locais, como as paisagens, os monumentos (incluindo os religiosos), as práticas económicas, culturais, sociais e lúdicas, o vestuário, os meios de transporte, as casas e as lojas, os alimentos, etc. Para além do texto principal inscrito nos postais, há ainda alguns balões de fala incluídos nas imagens, resultantes dos diálogos mantidos entre o maestro e uma outra personagem, que exprimem a preocupação perante a dificuldade da tarefa que têm em mãos. Um pássaro amarelo que surge em todas as páginas também é responsável por comentários que vão permitindo monitorizar o processo de pesquisa em curso. Merece igualmente destaque a presença de texto intraicónico, sob a forma de inscrições nas línguas (e alfabetos) locais em todas as duplas páginas, identificando diferentes tipos de superfícies comerciais (como lojas, carrinhas e tendas) e barcos. Para além das variações cromáticas resultantes das diferentes paisagens percorridas, sugerindo distintos climas, a cor também permite retratar várias fisionomias, recriando com realismo a diversidade e variedade da espécie humana.

Não deixa de ser curioso que o concerto musical, representado na última dupla página do livro, inclua, como público, muitas das personagens oriundas dos diferentes espaços e contextos por onde os músicos viajaram, criando uma imagem de interculturalidade muito forte, já que a música parece ser um interesse transversal para todos os presentes (onde se incluem os próprios animais, alguns antropomorfizados). A música, enquanto linguagem artística de cariz universal, surge como ponto de encontro de culturas e pessoas, numa espécie de elogio à vivência pacífica entre os povos.

3.3 Locais representados e formas de identificação

Apesar da significativa variedade das propostas, há um conjunto de países e continentes

cuja presença é mais assídua. O esquema seguinte permite identificar os espaços seleccionados.

Livros	Países	Outros locais	Continentes
<i>O mundo num segundo</i>	Argentina		
	EUA		
	México		
	Papua-Nova Guiné		
	Portugal		
	Angola		
	Turquia		América
	Grécia		Europa
	Rússia	Mar Báltico	Ásia
	Islândia	Oceano Índico	África
	Japão		Oceânia
	Austrália		
	Marrocos		
	Venezuela		
	Hungria		
	Itália		
	África do Sul		
	Brasil		

<i>Agora!</i>	Japão Israel Bolívia Itália China Brasil Tibete Índia EUA Reino Unido Rússia	Amazônia África Polo Norte ⁷	Ásia América Europa África
<i>A orquestra</i>	Islândia Japão Portugal Rússia França Grécia Turquia Egito Itália Brasil Costa do Marfim		Europa Ásia África América

Destaque-se que nem todos os países são identificados pelos nomes, alguns são-no pelos traços étnicos das personagens, pelos seus trajes típicos e hábitos alimentares, paisagens,

⁷ A imagem apresenta os ursos polares e os esquimós, habitantes do Ártico, em companhia dos pinguins, que só existem na Antártida, o que configura uma falha científica que, atendendo ao objetivo do livro em questão, poderia ser evitada.

construções e monumentos reconhecíveis presentes nas imagens. No caso de *O mundo num segundo*, a identificação específica dos locais decorre sobretudo da informação presente nas guardas finais, onde um planisfério permite situar geograficamente, com rigor, cada um deles. Ainda assim, é relevante a presença de espaços não diretamente conotados com países, como o Mar Báltico, o Oceano Índico ou o Polo Norte, jogando com outro tipo de conceitos diferentes de organização e de ordenação política do espaço geográfico. Em *Agora!*, a inclusão da Amazónia ou o tratamento do continente africano como um todo, sugerindo uma certa simplificação de uma variedade de culturas e países, podem levantar outro tipo de questões que se prendem com a idade e com o conhecimento do mundo dos seus destinatários preferenciais – as crianças –, não tão bem definidos nos outros livros. Para além da relativa diversidade e variedade das propostas, quer em termos de abrangência dos países e dos continentes selecionados, situados em ambos os hemisférios, em cenários rurais e urbanos, cenas de interior e de exterior, verifica-se, por exemplo, que cada um dos livros integra o respetivo país de origem⁸; e que alguns países surgem nos três livros, como é o caso do Japão, da Rússia, da Itália e do Brasil, assinalando os continentes asiático, europeu e americano⁹. Mas, para além dos elementos estritamente geográficos, como as paisagens, os volumes em análise dão ainda conta da variedade de climas, ao mesmo tempo que recriam rotinas de vida reconhecíveis pelas crianças, ilustrando as vivências do quotidiano e comportamentos familiares, mesmo se protagonizados por personagens diferentes e distantes. A sugestão de que cada dupla página, com personagens diferentes, pode ser lida como uma narrativa (ou como um conjunto muito alargado de micronarrativas em *A orquestra*) sugere a possibilidade de cada livro poder funcionar como uma coletânea de micro-histórias, ainda que não verbalmente apresentadas. Confirmam esta sugestão o anonimato das personagens, bem como a sua variedade em termos de género e faixa etária, ainda que, em *Agora!*, se privilegiem os universos e as vivências infantis.

4. Propostas de exploração dos livros-álbum em contexto educativo

Para além das possibilidades de leitura que decorrem da exploração verbo-icónica destes livros-álbum, promovendo o desenvolvimento de competências literárias plurais, o tema dominante das três publicações permite ainda outro tipo de aproximações e leituras mais específicas.

No programa de Estudo do Meio, do 1.º ciclo do Ensino Básico, em vigor em Portugal, a questão da localização, num planisfério ou no globo, dos continentes e dos oceanos, de Portugal, as suas ilhas e arquipélagos, bem como dos países lusófonos surge no 4.º ano de escolaridade.

⁸ No caso de *O mundo no segundo*, Portugal surge em representado em várias duplas, tanto o território continental (Cartaxo, Mértola), como o insular (Ilha de São Jorge, nos Açores), o que constitui uma novidade pela opção por locais do interior e mais pequenos, em detrimento da capital ou de grandes cidades. No caso de *Agora!*, Ilan Brenman vive no Brasil e nasceu em Israel. Ambos os países surgem representados na obra. Em *A orquestra*, a região do país de origem da autora escolhida foi a Provença.

⁹ Na globalidade dos três livros estes são os continentes mais assiduamente representados.

Este documento sublinha que, pese embora o relevo que tem o meio local onde a criança vive:

há que ter em conta que as crianças têm acesso a outros espaços que, podendo estar geograficamente distantes, lhes chegam, por exemplo, através dos meios de comunicação social. O interesse das crianças torna estes espaços afetivamente próximos, mas a compreensão de realidades que elas não conhecem directamente só será possível a partir das referências que o conhecimento do meio próximo lhes fornece. (DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 2004, p. 101).

Os volumes seleccionados oferecem, a este propósito, oportunidades relevantes de reconhecimento de locais próximos e conhecidos, mas também de descoberta de outros locais, distantes e desconhecidos, permitindo a sua localização em diferentes tipos de mapas.

No Brasil, as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013) estabelecem que o currículo do Ensino Fundamental tenha uma base nacional comum, complementada e enriquecida, em cada sistema de ensino (público e privado), por uma parte diversificada, constituindo um todo integrado. As Diretrizes assinalam, ainda, a relevância da transversalidade como forma de trabalhar as componentes curriculares, as áreas de conhecimento e os temas contemporâneos em uma perspectiva integrada, recomendando a promoção dos direitos humanos, a adoção da perspectiva multicultural, e a contextualização dos conhecimentos de modo aos alunos conseguirem estabelecer relações com suas experiências. A geografia, um dos componentes curriculares obrigatórios integrantes da base nacional comum, deve articular com os seus conteúdos “a abordagem de temas abrangentes e contemporâneos, que afetam a vida humana em escala global, regional e local, bem como na esfera individual” (id., ib., p. 115), atendendo a um dos objetivos gerais do Ensino Fundamental indicados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, o de que os alunos sejam capazes de

conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (BRASIL; SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL, 1997, p. 9)

Assim, a leitura dos livros analisados e o trabalho de mediação desenvolvido com eles proporcionaria aos estudantes de diferentes anos de escolaridade do primeiro segmento do Ensino Fundamental atingir, total ou parcialmente, este objetivo.

Nesta medida, a nossa proposta de trabalho¹⁰ possível com estas obras inclui uma sessão de leitura e exploração dos três livros-álbum seleccionados, em contexto de sala de aula, tendo em vista a caracterização dos livros, bem como a identificação da sua estrutura e modo de

10 Outras atividades possíveis passam por pesquisas sobre as línguas faladas nos diferentes países; atividades de produção oral, plástica e/ou escrita de modo a imaginar o que estaria acontecendo com personagens de outros países ou lugares não contemplados pelos livros.

funcionamento; a identificação dos elementos comuns existentes entre eles, bem como das especificidades de cada um; a identificação de aspetos socioculturais dos povos apresentados reveladores da multiculturalidade; a construção de um mapa-múndi com as ilustrações dos três livros, depois da localização, dos locais em vários tipos de mapas; a escolha de um ou mais países para serem objeto de pesquisa.

Mas também estamos perante obras que respondem a outro tipo de desafios, nomeadamente os decorrentes da vida em sociedades multiculturais, associadas aos movimentos contemporâneos das pessoas, em resultado de vários tipos de fenómenos, como o turismo, por exemplo, mas também os exílios, as diásporas e as migrações. A este propósito, é particularmente relevante o papel desempenhado pela literatura para a infância, ao apresentar a diversidade e a diferença que caracterizam as sociedades contemporâneas aos mais diversos níveis, promovendo uma educação multicultural/intercultural através da sensibilização das crianças para as questões da identidade e da alteridade, valorizando um melhor conhecimento do “eu” e dos “outros”, capaz de alargar as experiências do mundo dos leitores, com vista ao desenvolvimento da empatia, por exemplo.

5. Considerações finais

As obras em análise não se esgotam nas leituras aqui propostas, uma vez que nos cingimos às questões das representações de diferentes países e culturas, atendendo ao tema selecionado. Não obstante, refira-se como os estudos sobre relações entre geografia e literatura para crianças (BAVIDGE, 2006; FROUILLOU, 2011; MEUNIER, 2014) têm conhecido algum interesse, sobretudo na perspetiva da compreensão do espaço. O tema da multiculturalidade na literatura para crianças e jovens tem igualmente estado presente e sido alvo de vários estudos e sob diversas perspetivas (STEPHENS, 1990; COLOMER; FITTIPALDI, 2012), sobretudo aplicado ao contexto da integração de imigrantes e refugiados, por exemplo. A este respeito, não deixa de ser relevante observar como os livros em análise se centram muito mais na questão da descrição da diversidade do mundo e dos povos e, portanto, da multiculturalidade, em detrimento da interculturalidade. Se a multiculturalidade está presente no conjunto de cenas das obras, a interculturalidade, ou seja, a relação entre cidadãos de diferentes culturas e origens étnicas pautada no respeito mútuo e na integração, encontra-se mais ostensivamente visível numa cena de cada livro. Em *A Orquestra*, a última cena é emblemática da convivência e integração entre os povos, pois há representantes de todos os países com suas especificidades étnicas, linguísticas, culturais, que figuram nas cenas anteriores, apresentados na audiência do concerto. Em *Agora!*, a interculturalidade verifica-se na cena da brincadeira de esconde-esconde entre crianças judias e muçulmanas, reforçando a necessidade de aceitação e interação entre judeus e palestinos – lembre-se que a cena se situa na cidade dividida de Israel –, e, conseqüentemente, apontando para uma perspetiva reivindicativa e transformadora, muito relevante no atual contexto político. Em *O mundo num segundo*, há uma tímida sugestão de interculturalidade

na cena dentro do elevador num arranha-céus de Nova Iorque, em que pessoas de diferentes etnias partilham o mesmo espaço físico mas sem, necessariamente, interagirem entre si numa perspetiva eminentemente integradora. Neste sentido, esta cena seria mais representativa da multiculturalidade, ficando aquém das duas contidas nos outros livros, que avançam na direção da interculturalidade.

Outro aspeto a destacar nestas considerações finais diz respeito ao enquadramento das cenas visuais dos três livros, em relação aos modos de exploração de diferentes planos e ângulos com implicações na criação do elemento surpresa no ato de virar a página. O livro que mais e melhor explora a diversidade de planos e ângulos é *O mundo num segundo*. A cada dupla página alternam-se planos gerais, primeiros planos e planos de detalhe, mostrados por diferentes ângulos, os mais usados, o ângulo normal e o *plongée* (olho do pássaro). Essa alternância de enquadramentos confere movimento e dinamismo à sequência das cenas visuais do livro, contribuindo para a intensificação das expectativas do leitor. Em *Agora!*, o ângulo normal é a regra, assim como o plano geral, salvo alguns enquadramentos de primeiro plano. Em *A Orquestra*, as cenas visuais são todas enquadradas a partir do plano geral e do ângulo normal, reunindo uma infinidade de elementos – edificações, paisagens naturais, objetos, pessoas, animais, etc. – o que as torna muito semelhantes entre si, exigindo do leitor um olhar atento aos detalhes que marcam as diferenças entre cada uma delas. Neste sentido, o elemento surpresa no virar de página é menos explorado nestes dois últimos livros.

Inserindo-se globalmente na tipologia proposta de livro-álbum portefólio, estes volumes não deixam de, em diferentes níveis, se aproximar do universo do livro-jogo. *A Orquestra* seria, neste âmbito, até pela própria presença de soluções nas guardas finais, o exemplo mais assumido desta tipologia, seguido por *O mundo num segundo*, que exige um leitor mais atento e experiente, com capacidade para inferir a possibilidade de jogo sugerida também nas guardas finais. Em *Agora!*, a possibilidade do jogo de adivinhação dos lugares e das culturas apresentados em cada uma das cenas visuais não está explícita em nenhuma parte do livro. A possibilidade de este livro-álbum portefólio se aproximar do universo do livro-jogo dependerá, assim, da mediação de leitura que se poderá fazer com as crianças, o seu público-alvo preferencial.

As possibilidades de leitura criadas por estes objetos desafiadores e multimodais são, assim, muito amplas e poderiam, por exemplo, incidir em estudos sobre a resposta leitora a estes livros, realizada por diferentes grupos, culturas, países, tendo em vista a identificação de elementos variáveis e comuns; mas também sobre os elementos selecionados para a construção de representações espaciais e geográficas. Ainda relacionada com esta questão, surgem igualmente os estereótipos culturais, exigindo reflexão e questionamento, na medida em que, por um lado, com leitores mais jovens, são essenciais para a identificação dos locais e das culturas representados; por outro, o seu uso constante e sem critério pode dar origem a

generalizações e preconceitos, alguns inclusivamente alvo de alguma crítica ou ironia¹¹.

Assim, e a este propósito, observe-se como, na globalidade, o público-alvo dos livros em análise é amplo e diversificado, sendo, contudo, mais restrito o universo de leitores de *Agora!*, cingindo-se a crianças mais pequenas, enquanto *O mundo num segundo* parece apresentar uma proposta de leitura mais abrangente e questionadora, dada a sua sofisticação, atingindo uma faixa maior de público.

Desafiadores e complexos, sem deixarem de ser lúdicos e profundamente interativos, os livros selecionados incluem várias camadas de sentidos e, por conseguinte, ensinam vários níveis de leitura, permitindo o desenvolvimento de vários tipos de literacia. A leitura dos textos híbridos e a exploração de seus peritextos promovem não só a identificação das mensagens e das histórias contadas em cada livro, mas também colaboram no enriquecimento da enciclopédia dos leitores, apresentando-os a paisagens, patrimónios culturais, tradições, costumes, rotinas e hábitos que são o reflexo da diversidade da Humanidade.

REFERÊNCIAS

Corpus

BRENNAN, Ilan; KARSTEN, Guilherme. **Agora!** São Paulo: SESI-SP Editora, 2017.

MARTINS, Isabel Minhós; CARVALHO, Bernardo. **O mundo num segundo**. Oeiras: Planeta Tangerina, 2008.

_____. 2. ed. Carcavelos: Planeta Tangerina, 2013.

_____. São Paulo: Peirópolis, 2013.

PERARNAU, Chloé. **A Orquestra**: uma volta ao mundo à procura dos músicos. Trad. Isabel Minhós Martins. Carcavelos: Planeta Tangerina, 2018.

Estudos

BAVIDGE, Jenny. Stories in space: the geographies of children's literature, **Children's Geographies**. v. 4, n. 3, p. 319-330, dez. 2006. DOI: 10.1080/14733280601005682.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB/DICEI, 2013. p. 102-104.

BRASIL; SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros curriculares**

¹¹ Tomem-se como exemplos a dupla página da barbearia açoriana de *O mundo num segundo* e a dupla página das crianças russas identificadas com as matrioskas em *Agora!*.

nacionais: história, geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CLARKE, Alasdair D. F.; ELSNER, Micha; ROHDE, Hannah. Where's Wally: the influence of visual salience on referring expression generation. **Frontiers in Psychology**. v. 4, art. 329, jun. 2013. DOI: 10.3389/fpsyg.2013.00329. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2013.00329/full>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

COLOMER, Teresa; FITTIPALDI, Martina (ed.). **La literatura que acoge:** Inmigración y lectura de álbumes. Caracas: Banco del Libro, 2012.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA (ed.). **Organização curricular e programas**, 4. ed. Mem Martins: Ministério da Educação, 2004. Disponível em: <http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Estudo_Meio/eb_em_programa_1c.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2018.

DOWHOWER, S. Wordless books: promise and possibilities, a genre comes of age. In: CAMPERELL, K.; HAYES, B. L.; TELFER, R. (eds.). **Promises, Progress and Possibilities: Perspectives of Literacy Progression**. 17. Dahlonga: American Reading Forum, 1997. p. 57-79.

FROUILLOU, L. Les albums pour enfants et les géographies de l'enfance: l'exemple des représentations de la maison. **Carnets de géographes**, 3, p. 1-8, 2011. Disponível em: <http://www.carnetsdegeographes.org/PDF/Lectures_03_02_Frouillou.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2018.

KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina. From baby books to picturebooks for adults: european picturebooks in the new millennium. **Word & Image**, v. 31, n.3, p. 249-264, 2015. DOI: 10.1080/02666286.2015.1032519.

MEUNIER, C. **Quand les albums parlent d'Espace:** espaces et spatialités dans les albums pour enfants. PhD Thesis. Lyon: Ecole Normale Supérieure de Lyon, 2014. Disponível em: <<https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-01127003/file/2014ENSL0964.pdf>>. Acesso em 26 mar. 2018.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado: palavras e imagens. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.**

RAMOS, Ana Margarida. Apontamentos para uma poética do álbum contemporâneo. In: ROIG RECHOU, Blanca-Ana, SOTO LÓPEZ, Isabel; NEIRA RODRÍGUEZ, Marta (coord.). **O Álbum na Literatura Infantil e Juvenil (2000-2010)**. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2011. p. 13-40.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento:** sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. 3. ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2009.

SILVA, Sara Reis da. Play in narratives for children: on the “rules” of a new fiction. In: RAMOS, Ana Margarida; MOURÃO, Sandie; CORTEZ, Maria Teresa (ed.). **Fractures and disruptions**

in **Children's Literature**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2017. p. 246-261.

_____. O livro-jogo na literatura para a infância: brincar às/com as histórias. **CONFIA - Conferência internacional em ilustração e animação**. Barcelos: IPCA, p. 426-431, 2016. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/42177>>. Acesso em: 6 abr. 2018.

SIPE, Lawrence R.; PANTALEO, Sylvia. **Postmodern picturebooks: play, parody, and self-referentiality**. New York: Routledge, 2008.

STEPHENS, John. Advocating multiculturalism: migrants in Australian children's literature after 1972. **Children's Literature Association Quarterly**, v. 15, n. 4, 1990, p. 180-85.